

UM FOTÓGRAFO NA MIRA DO TEMPO
PORTO ALEGRE, POR VIRGÍLIO CALEGARI

***“El tiempo se bifurca perpetuamente hacia innumerables futuros.
En uno de ellos, soy su enemigo”.***

Jorge Luís Borges,
El jardín de senderos que se bifurcan. *Ficciones*.

O italiano Virgílio Calegari chegou a Porto Alegre, em 1881, ainda menino aos 13 anos de idade. Aprendeu a profissão com fotógrafos experientes e no início do século XX era considerado o principal retratista da pequena capital. É considerado por pesquisadores como a encarnação da modernidade, justamente em um período em que a cidade vivia uma longa sucessão de governos de orientação positivista e esforçava-se em constituir-se como urbe moderna.

No caso de Calegari, trata-se de uma trajetória pessoal e profissional marcada por mudanças profundas. Um europeu do século XIX que atravessou o oceano, o século, várias revoltas e uma grande guerra. Como fotógrafo, participou de vários eventos e foi premiado em concursos nacionais e internacionais, sendo reconhecido como exemplo de sucesso dos imigrantes na América. Para Santos (1998, 30), estes prêmios colaboraram para gerar uma “aura civilizatória” em torno do seu nome e de sua ligação com a Europa.

Em Porto Alegre, o processo de reforma urbana não teve a mesma intensidade que o vivido nas cidades que serviram como referência para o processo de modernização. Entretanto, parece evidente que, mesmo em escala menor, foram oferecidos à população elementos para perceber a capital como metrópole, ancorando este desejo em marcos edificados que funcionariam como uma representação simbólica da modernidade. Na cidade que sonhava ser moderna e atualizada, o trabalho de Calegari perpetuou o progresso e ajudou a projetar um futuro, mas foi igualmente atento à cidade que desaparecia. Naquele momento, o desafio enfrentado pela elite na pequena capital sulista era incorporar os símbolos de modernidade e diferenciar-se daqueles que

não conseguiam aderir aos padrões de urbanidade, em um processo tensionado pela intensa presença de aspectos marcadamente rurais fundadores de uma identidade da sociedade gaúcha. Na capital gaúcha, o dilema enfrentado era o fato de que a intervenção humana tinha resultados que ficavam aquém da intensa beleza natural da cidade.

A reforma das cidades não foi feita sem conflitos e parece evidente que a fotografia foi bastante útil na constituição da representação de uma nova visualidade urbana. Entretanto, alguns indícios permitem supor que o interesse de Calegari não estivesse dirigido somente a projetar para o futuro a imagem de uma cidade moderna. No cenário de uma Porto Alegre afoita em atualizar-se, um autor que, imerso nas questões impostas pelo seu presente, foi encarregado de materializar a sedutora inovação e a propaganda de um futuro promissor, mas precisou lidar com a evidência de que a sua fotografia poderia assumir importância como resquício de um modo de viver na iminência de desaparecer.

Na obra de Calegari, é possível identificar como as idéias de progresso e decadência perpassaram a obra do fotógrafo, localizando elementos que demonstram a permanência de materialidades e sociabilidades diante da construção de uma nova urbanidade e autorizando a pensar a fotografia como aliada na busca de sensibilidades do passado. A imagem mecânica não apenas atesta o desejo e a construção de um futuro, mas pode demonstrar o estranhamento do fotógrafo frente a um mundo que se transforma, ficando cada vez mais distante seu próprio passado. Para isso, além de registro para projetar uma posteridade desejada, a fotografia é capaz de salvar uma memória ameaçada de desaparecimento. Dessa forma, a fotografia é lida como resultado das escolhas feitas pelo autor em uma prática de mediação feita entre o enfatizar para tornar visível e o omitir ou disfarçar algo que se pretenda manter fora do discurso engendrado.

Teoricamente, o problema proposto - identificar através de imagens a tensão presente no momento em que a rápida construção de uma idéia de futuro provocou o apagamento de referências do passado – implica análise de duas questões: a experiência humana da passagem do tempo e o espaço construído da cidade como materialização desta vivência, atribuindo particular importância a imagens que indicam situações em que estivesse latente uma leitura subjetiva e pessoal das cenas oferecidas como paisagem da capital. Neste contexto, elementos de linguagem como as opções de enquadramento e a permanência de focos de contraste deixados em quadro pelo autor,

determinando sempre que possível se a imagem era resultado de trabalho comissionado ou iniciativa empresarial própria. Também foi objeto de análise o tratamento dado aos aspectos de materialidade da cidade e aos costumes da população para avaliar a presença de sinais de incorporação ou não dos valores da modernidade e a forma como estes elementos eram tratados nas representações feitas pelo fotógrafo. Isto pode ser realizado através da observação e tentativa de identificação nas imagens da relação existente entre a paisagem natural e a cidade construída; das características da presença da população e da ocupação humana dos espaços urbanos; além da ocorrência de elementos dissonantes de uma visualidade de pretensão progresso.

Calegari fotografou os marcos da cidade moderna, mas deixou ver pistas sobre a heterogeneidade da utilização dos espaços urbanos. Isto fica evidente no material feito para a elaboração do álbum sobre o novo sistema de abastecimento de água e nas tomadas que mostram o movimento das ruas da capital. Em alguns casos o resultado pode até ser considerado irônico como no caso de um cão dormindo junto ao meio-fio, enquanto a família tradicional posa respeitosamente em frente a sua residência.

Na sua observação periódica das transformações urbanas de Porto Alegre, repetiu tomadas e registrou a evolução da conformação urbana em locais como o bairro Menino Deus e a Praça Marechal Deodoro. Essa prática de registro sistemático da cidade confirma o interesse particular e o investimento pessoal do fotógrafo no tema, transformando-o em um leitor privilegiado da cidade e uma fonte importante para estudos históricos.

Na sua longa trajetória de apreensão e interpretação da cidade, algumas evidências que puderam ser recolhidas permitem assinalar que ao recortar a natureza para transformar a geografia da capital em paisagem, construiu imagens bucólicas que, em casos como as vistas feitas a partir do rio e da série sobre Belém Velho, igualam e por vezes superam em importância os marcos da cidade construída. Seu interesse não estava dirigido apenas à materialidade do espaço urbano e não deixou escapar o que hoje convencionamos chamar de patrimônio cultural imaterial. Na cidade que ia sendo modificada, atividades como o movimento nas docas do mercado e o trabalho de carga e descarga junto à ponte de pedra do Arroio Dilúvio, antes da retificação, faziam parte de um passado retido como memória de vivências já impossíveis na urbe modernizada. Retido também como imagem.

Neste inventário do imaterial, não ficou restrito à apresentação de “tipos” peculiares do cenário local, como gaúchos, carreteiros, viajantes colonos e a

precariedade dos ranchos habitados pela população pobre. Na sua atividade como retratista, cuja contribuição como profissional requisitado para a construção da imagem de esclarecimento e racionalidade da nova elite dirigente gaúcha já está estabelecida, buscamos o registro da presença de personagens e hábitos que não faziam parte do código de comportamento autorizado pela onda modernizante. Em alguns momentos, o fotógrafo tentou representar setores não integrados sem assinalar de forma negativa seu descompasso com o ritmo do desejado progresso. Isto ficou demonstrado na comparação entre os dois retratos de mulheres negras e de uma jovem com sombrinha. Enquanto a menina aparece incômoda ao ostentar uma aparência que não é sua, as duas senhoras estão bastante à vontade na sua natural incivilidade.

Frente a estas evidências, é importante o diálogo com as conclusões obtidas por pesquisas dedicadas à análise do discurso fotográfico sobre Porto Alegre, construído no período imediatamente posterior a Calegari. Neste corpo teórico, encontramos a idéia de que a imagem da cidade colonial seria utilizada para dar maior nitidez, por contraste, à cidade moderna ou seria objeto de uma tentativa de exclusão ou apagamento, algumas vezes sem sucesso, da cena fotografada. Este raciocínio não poderia ser aplicado de forma direta à função desempenhada por parte da obra de Calegari nem pelos cacos deixados em imagens destinadas a consolidar os marcos da modernização. Ao enfrentar a transição de registros de temporalidades, o autor foi sensível à existência simultânea de experiências diferentes em relação à aceleração imposta pelo novo mundo que se anunciava. Neste limiar, usou suas lentes para salvar do esquecimento uma cidade que desaparecia.

Calegari era um fotógrafo oitocentista que viveu a transição para o novo século e cujo trabalho poderia ser situado em um período histórico de implantação de uma nova ordem política e social, já que o auge de sua produção estaria nas duas primeiras décadas do século XX. É evidente a eficácia de sua fotografia tanto na afirmação de um ideal de modernidade quanto na demonstração de que a incorporação desta urbanidade não seria homogênea.

Poderíamos ler a obra de Calegari, suas lacunas e aparentes contradições como indicativo de um período em que o dilema que contrapunha civilidade e natureza não estava resolvido em termos de materialidade construída e valores incorporados. Para sustentar este raciocínio, é importante lembrar que apesar do incremento na edificação da cidade durante o chamado “quadriênio glorioso” da construção civil (1910-1914), o próprio Plano de Melhoramentos (1914), considerado o marco de instalação de

modernidade em Porto Alegre, precisou ser reeditado em 1927 e, com exceção da abertura da Avenida Borges de Medeiros, as grandes obras propostas só foram realizadas entre 1938 e 1943.

Dessa foram, apesar de um desejo manifesto de adequar-se aos novos padrões, a cidade não tinha chegado a uma síntese de modernidade eficaz, tanto do ponto de vista do volume de espaços modernizados quanto da constituição de uma visualidade urbana necessária para consolidar estes ideais. Esse descompasso é percebido pelo fotógrafo e aparece em suas imagens. Na pequena capital do início do século, Virgílio Calegari operava uma máquina capaz de produzir um passaporte para a modernidade, mas em momentos substanciais de sua obra parece ter os olhos e objetivas apontados para o passado. Calegari viveu e fotografou uma cidade que não era e faltava muito para parecer moderna. Em um presente empenhado em construir o futuro, parece estranhar o novo mundo e volta-se para trás, imortalizando espaços e vivências condenados ao desaparecimento.